

Exmo. Senhor

Feliciano Barreiras Duarte

Presidente da Comissão Parlamentar de Trabalho e Segurança Social

Assembleia da República

Palácio de S. Bento

1249-068 LISBOA

FADO Portugal, 31 de janeiro de 2018

Temos o prazer de apresentar a recém-constituída (a 18 de janeiro de 2018) FADOP - Federação de Associações de Doentes Oncológicos – Portugal, uma instituição de solidariedade social, sem fins lucrativos, para o empoderamento e capacitação das associações de doentes oncológicos que a integra e, conseqüentemente, para a defesa dos interesses dos doentes que representam..

Com salvaguarda da autonomia, missão e atividade de cada instituição sua associada, A FADOP tem como fins:

- a) Representar as instituições suas associadas e o doente oncológico junto de organismos oficiais e de organizações internacionais congéneres;
- b) Divulgar as ações das instituições suas associadas; e
- c) Partilhar com os profissionais de saúde informações sobre associações, outras organizações e recursos que disponibilizam.

Membros da Direção

Presidente: Jutta Tamara Irene Hussong Milagre (EVITA)

Vice-Presidente: Emília Vieira (Amigas do Peito)

Vogal: José Graça Guimarães Gonçalves (APDPróstata)

Secretário: Isabel Maria Pereira Lobato (AOAL)

Tesoureiro: Ana Gabriela Naré de Morais Freire (Viva Mulher Viva)

Membros da Assembleia-Geral

Presidente: Joaquim Alberto Couceiro da Cruz Domingos (APDPróstata)

Secretário: António Assunção Mendes de Araújo (Viva Mulher Viva)

Fiscal Único:

Carlos Fernando Gouveia Afonso (EVITA)

Não obstante o ainda curto tempo de vida da FADOP, esta reúne os anos e a experiência de todas as associações de doentes que a compõem e por isso a não pode deixar de expressar o seu pleno apoio à petição "A favor do justo tempo de serviço do sobrevivente oncológico" da autoria da Prof^a Cristina Alves, à qual acrescentamos este breve parecer.

A FADO considera que a petição acima mencionada, que parte de uma iniciativa cidadã, é a alavanca que fará mudar o paradigma da sobrevivência ao cancro em Portugal.

Em 2012, havia uma estimativa de cerca de 3,45 milhões de novos casos de cancro na Europa.

O envelhecimento da população vai fazer com que os números continuem a aumentar e o progresso da medicina personalizada vai incrementar, cada vez mais, a taxa de sobrevivência.

A inovação na medicina é cada vez mais célere e está focada no doente oncológico.

Mas se hoje é possível proporcionar mais tempo de vida a estas pessoas, não podem ser negligenciados aspetos fundamentais relacionados com a qualidade desse tempo, o bem-estar físico, mental e social, muitas vezes esquecidos. Um sobrevivente, por definição é “uma pessoa que sobrevive”, mas será que essa “sobrevivência” proporciona uma vida digna e satisfatória?

A autora da petição, a Prof^a Cristina Alves, resume, na primeira pessoa, a realidade do trabalhador sobrevivente e a dimensão do problema:

“Foi neste regresso à minha "Vida" que percebi o quanto é duro, difícil e injusto estarmos a exigir de nós uma produtividade e um desempenho igual aos que nunca fizeram tratamentos deste tipo. Constatei também, que não era um caso isolado, pelas redes sociais o que não faltava eram doentes e sobreviventes a referirem as mesmas queixas e afirmarem que ou estavam de baixa, por não aguentarem, ou se tinham reformado, mesmo com grandes penalizações...”

Na “impossibilidade de” incluem-se as relações a nível familiar, laboral, social alargado e suas inter-relações com a sua cultura, costumes e tradições.

A impossibilidade de “funcionar como antes” e a conseqüente desistência da vida profissional, não pode nem deve ser a solução. O facto do sobrevivente oncológico ter a sua capacidade funcional comprometida – derivado maioritariamente dos efeitos dos tratamentos a que foi submetido – não deve, de modo algum, comprometer a sua dimensão social, nomeadamente a laborar.

A atividade profissional é, para a maioria, uma peça chave na recuperação, prevenindo a depressão pela perda da dignidade e pelo sentimento de inutilidade.

Adicionalmente, as dificuldades financeiras que estas pessoas muitas vezes enfrentam, na conseqüência das baixas prolongadas e reformas antecipadas com as respetivas penalizações, são fator de agravamento.

Face ao exposto, a FADOP propõe à Comissão Parlamentar de Trabalho e Segurança Social, a criação de um Grupo de Trabalho multidisciplinar, na qual manifestamos desde já todo o interesse em integrar, para analisar e construir uma legislação adequada às exigências atuais e que reenquadre, de forma justa, solidária, os cidadãos sobreviventes de cancro na sociedade, permitindo que continuem a contribuir à medida das suas capacidades, para a sociedade.-

Jutta Tamara Irene Hussong Milagre

Presidente da FADOP - Federação de Associações de Doentes Oncológicos - Portugal